

DESLIZAMENTOS

# Cultura do desastre

**Luiz Augusto Gollo**  
JORNALISTA

Ao lado do complexo de vira-lata de que falava Nelson Rodrigues, o brasileiro ostenta também a cultura do desastre. Olhos rútilos, acompanha os noticiários sobre os soterramentos em Angra dos Reis e na Ilha Grande, deslizamentos de encostas em estradas, pontes ruídas, dramas familiares. Assustado, mantém com aquela realidade relação distante, via televisão, entre jornalismo e reality show.

Como repórter, acompanho à distância a sucessão de desabamentos e deslizamentos na capital e em Angra desde o plantão da virada do ano. Ao longo desses dias, conversei com vários engenheiros experientes, unânimes em reivin-

dicar a GeoRio estadual, semelhante ao antigo Instituto de Geotécnica, criado no Rio de Janeiro depois dos temporais memoráveis de 1966, que derubaram casarões antigos em Santa Teresa, um prédio de 12 andares na General Glicério, em Laranjeiras, e causaram perdas e danos em diversos bairros.

A geotécnica, dizem os especialistas, não apenas minora a ação das chuvas sobre o solo como tem custo baixo, sobretudo se comparado às consequências materiais e humanas da destruição causada pela fúria das águas. Uma relação custo/benefício que não se cansam de apregoar, sempre que consultados.

Foi um fato acontecido com o presidente do Clube de Engenharia, Francis Bogossian, que me despertou a atenção para a tendência da mídia pelo de-

sastre. Pode-se dizer que tudo começou há cinco anos, ali mesmo em Angra dos Reis, quando ele participou da organização de um seminário nacional sobre geotecnia. O resultado foi a Carta de Angra, em que a criação de institutos estaduais e um federal inspirados no GeoRio era defendida.

Como tantas missivas parecidas, a carta seguiu à então governadora Rosinha Garotinho e ao ministro das Cidades, o mesmo Márcio Fortes que aí está às voltas com os problemas inaugurais deste ano. Não teve muita publicidade na época nem se falou nela nos anos seguintes.

Não se sabe sequer se a Carta de Angra chegou às mãos dos destinatários, pode ter-se perdido nos caminhos da burocracia ou nas pastas das assessorias. O fato é que não foi criada nenhuma

instância estadual ou federal como o GeoRio carioca, que é referência mundial e só tem similar em Hong Kong, do outro lado do planeta.

No dia 5 de dezembro último, Francis Bogossian assinou artigo aqui no **JB** com o título "Águas de verão: perigo nas encostas". Talvez em consequência do artigo, o presidente do Clube de Engenharia foi procurado para dar entrevista na televisão.

Pouco antes do horário acertado, entretanto, recebeu telefonema da produção avisando que em seu lugar falaria um historiador. Francis Bogossian estranhou, porque pensava defender mais uma vez as obras de contenção de encostas e a ideia da GeoRio nacional.

Ele não contava com a cultura da tragédia, um passo

adiante do sensacionalismo velho de guerra. No lugar de um técnico e suas recomendações, optou-se pelo conhecido discurso da história que se repete desde sempre, quase fatalidade diante de governantes insensíveis ou incompetentes. **Novela sem fim? Reality show macabro?**

Estamos acostumados às más notícias, elas chegam e ocupam espaço nobre durante horas, dias. O telespectador, ouvinte e leitor é mas-

talidade diante de governantes insensíveis ou incompetentes. **Novela sem fim? Reality show macabro?**

Estamos acostumados às más notícias, elas chegam e ocupam espaço nobre durante horas, dias. O telespectador, ouvinte e leitor é massacrado por elas, quando tão útil seria repercutir especialistas que têm ideias, nem sempre recentes, como no caso das obras de geotécnica, mas que saem um pouco dos milhões de reais da emergência e dos saldos lamentáveis para focar os custos das obras que poderiam evitar novos desastres, já no próximo verão.